

A COMPLEXIDADE DO TRABALHO DOCENTE EM MOÇAMBIQUE: CONTRIBUIÇÕES À FORMAÇÃO DE PROFESSORES

Félix Matias¹
Rafael Rossi²

Eixo 1 – Formação docente, políticas educacionais e práticas educativas

Resumo: O presente trabalho é um instrumento por meio do qual refletimos sobre a complexidade do trabalho educativo na realidade moçambicana. Trata-se de uma reflexão que busca contribuições para a formação docente. O trabalho educativo que pela sua natureza é complexo, na sociedade contemporânea se mostra ainda mais complexo principalmente em contextos como o de Moçambique, que para além de apresentar-se com elevados índices do analfabetismo, tem uma história socioeconômica que lhe coloca como um dos países com índices elevados de pobreza e com dependência econômica. Discutimos neste estudo em linhas gerais o panorama da educação moçambicana, e alguns dos principais fatores que influenciam no insucesso escolar. Em termos metodológicos, trata-se de um estudo bibliográfico e documental, cuja análise baseou-se nos fundamentos da pedagogia histórico-crítica, por se tratar de uma teoria pedagógica que nos permite enxergar de forma coerente a essência do objeto em que nos propusemos a estudar, no caso a realidade da educação em Moçambique. Mediante os dados, concluímos que há uma complexidade extrema do trabalho docente em Moçambique, dada a sua precariedade. Depreende-se também que os grandes problemas que caracterizam a educação moçambicana resultam por um lado da falta de investimentos, e por outro, da adoção de concepções teórico-pedagógicas hegemônicas que para além de descharacterizar o trabalho docente, contribui e muito no insucesso escolar.

Palavras-chave: Trabalho docente; Formação de professores; Desafios de Educação em Moçambique.

Introdução

Refletir sobre os processos formativos constitui sempre um grande e necessário desafio dada importância que este campo representa em qualquer contexto social. No contexto contemporâneo e na educação em Moçambique esta reflexão se faz ainda mais pertinente, dada realidade histórica e os aspectos socioeconômicos, políticos e culturais do país em alusão e sua influência nos currículos e processos educacionais.

Neste estudo, propomo-nos essencialmente refletir em linhas gerais a complexidade do trabalho docente no contexto moçambicano, tendo em vista a necessária busca permanente de contribuições para a formação de professores.

Trata-se de um estudo no qual procuramos a princípio valorizar as condições situacionais da realidade moçambicana, com vista a conscientizar sobre a finalidade da educação escolar, e em particular da formação de professores que se configura uma das modalidades de educação com importância significativa no cumprimento da função social da escola. Tendo em conta essas considerações, partimos por uma visão ontológica para visitar o cenário atualmente vivido nesta sociedade na qual está inserido o trabalho educativo e a formação de professores, para então refletirmos sobre a

¹ Acadêmico do curso de Doutorado em Educação, do Programa de Pós Graduação - PPGEDU da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Participante do Grupo de Pesquisa Fundamentos de Educação – GEFE.

² Docente e Pesquisador da Faculdade de Educação do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGEDU) da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul - UFMS, Campo Grande, MS. Coordenador do Grupo de Pesquisa Fundamentos de Educação – GEFE.

finalidade dos processos formativos, que não deixa de lado os porquês, o para quem, para quê e em que condições se realiza a educação escolar. Numa tentativa de resgatar o compromisso ético, político e social da prática educativa escolar.

A problemática da educação na sociedade contemporânea é caracterizada por diversos fatores, que resultam de várias dinâmicas sociais, as quais envolvem as tensões, contrariedades, conflitos da conjuntura social vigente. Uma sociedade cujos traços característicos são a competitividade e o individualismo, ou seja, tudo gira em volta da autorrealização individual, colocando de lado os interesses essencialmente coletivos. Essa realidade afeta os processos de educação, daí a necessidade de uma reflexão crítica e profunda.

Com aproximadamente 30 milhões de habitantes, Moçambique tem enfrentado diversos problemas no campo de educação, onde há 49 anos atrás foi herdada do governo colonial um índice do analfabetismo de 93% da população, e que até hoje o país tem vindo a mudar constantemente os programas e currículos de educação, mas que ainda o insucesso escolar continua presente.

Esta realidade convida-nos a nos mergulhar numa profunda reflexão sobre o funcionamento da educação e do trabalho docente, pois entendemos que compreender essa estrutura, essa realidade e seus impactos na educação escolar sejam fundamentais, numa perspectiva de quem pretenda caminhar em direção da superação das limitações da atividade docente, no sentido de atender os interesses da coletividade. É nessa direção que estamos caminhando.

Neste estudo, tomamos como base para fundamentar a nossa reflexão, a Pedagogia Histórico-Crítica, uma teoria pedagógica que surgiu dentro do método do materialismo histórico-dialético, e que nos permite refletir o objeto de maneira realista, tendo em consideração a sua totalidade, ou seja, a forma como o objeto se configura, desde a origem, estrutura e sua função social. Os procedimentos metodológicos que tornaram possível esta reflexão é de um estudo bibliográfico e de análise documental, cujo referencial teórico é embasado a partir dos estudos de Saviani (2011), Duarte (2013) que advogam essencialmente as contribuições da pedagogia histórico-crítica.

Este trabalho faz parte da tese do doutorado em andamento e das pesquisas e estudos que são realizados no âmbito do Grupo de Estudos Fundamentos de Educação – GEFE.

Aspectos de contexto e a complexidade do trabalho docente em Moçambique

A história da educação moçambicana é marcada por diversas vicissitudes, que colocam desafio a todas as modalidades educativas, incluindo a área de formação de professores e principalmente ao próprio trabalhador docente, pois estamos falando de um país que em cada 100 pessoas, 39 não sabem ler nem escrever, ou seja, estamos diante de um país com 39% da taxa do analfabetismo em pleno século XXI, como mostram os dados do último Censo (2017), o que faz com que haja a flexibilização dos processos educativos, já que um dos principais desafios continua o de reduzir os índices elevados do analfabetismo. Ademais, estamos falando de um país que, para além de ter alcançado recentemente a sua independência nacional (1975) depois de aproximadamente 5 séculos de colonização portuguesa, ainda continua com um quadro socioeconômico precário, que dentre as razões encontra-se os problemas relacionados com a paz interna, os eventos naturais como os ciclones, cheias, seca, que têm ciclicamente fustigado o país levando à miséria, sem deixar de lado a fato de que o país vive uma dependência externa, que também influencia na definição das políticas públicas de educação.

Portanto, trata-se de um contexto que nos permite enxergar que a educação em Moçambique lida com problemas influenciados pela trajetória histórica do país, bem como a trajetória que vem sendo trilhada tanto pelo mundo social, principalmente as leis trabalhistas que vão sendo construídas, e que a produção de conhecimento vem sofrendo condicionamentos, como consequência das teorias hegemônicas do capitalismo contemporâneo.

Para entender a complexidade do trabalho docente é necessário em primeiro lugar compreender o que é trabalho educativo. Na perspectiva da Pedagogia Histórico-Crítica, o trabalho educativo é entendido como “o ato de produzir, direta e intencionalmente, em cada indivíduo singular, a humanidade que é produzida histórica e coletivamente pelo conjunto dos homens” (Saviani, 2012, p. 13). Portanto, trata-se de assumir uma posição afirmativa do papel da escola e do trabalho do professor no âmbito do processo inalienável de transmissão de conhecimentos e da cultura humana produzida na história da humanidade.

A luta pela transmissão de conhecimentos escolares prende-se com o fato de que é por meio da apropriação de conhecimentos elaborados e intencionalmente transmitidos, que ocorre o processo de desenvolvimento das funções psíquicas superiores. Por meio dos conhecimentos o indivíduo adquire uma nova visão de mundo, uma visão crítica que o permite analisar e agir adequadamente e coerentemente perante os acontecimentos. Essa ideia é também advogada por Rossi (2022) e por Matias e Rossi (2023).

Por esta razão, concordamos que o papel da educação escolar é “a formação das novas gerações na base de apropriações representativas das máximas conquistas do gênero humano, desenvolvendo nelas a capacidade para se imporem como sujeitos da história” (Martins, 2018, p. 95).

Ora, o ser um ato direto e intencional do trabalho educativo, coloca no professor vários desafios, pois, demanda uma boa preparação do professor, tanto no que diz respeito à sua formação; quanto no exercício das suas funções. Portanto, percebe-se aqui dentre vários elementos, a presença de dois aspectos fundamentais: o primeiro está relacionado com as condições objetivas em que o processo educativo deve ocorrer, ou seja, o sucesso escolar requer um bom investimento de modo a garantir as condições necessárias para que a aprendizagem escolar realmente ocorra; o segundo aspecto diz respeito a perspectiva teórico-pedagógica em que se embasa a prática educativa, isto é, é necessário uma boa concepção teórico-pedagógica capaz de conduzir os processos educativos numa perspectiva social, no sentido de assegurar que efetivamente os currículos e as práticas educativas atendam o seu papel social. Portanto, é mesmo nestes dois aspectos o cerne da nossa crítica à educação moçambicana, pois a realidade se mostra deficitária.

O trabalho docente em Moçambique é um dos mais difíceis, dada a precariedade da educação no país. O professor para além de lidar com elevado número de alunos numa só sala de aula, enfrenta também problemas de falta de materiais instrucionais, deficiência de infraestruturas que em certos casos há crianças que passam mais de cinco anos estudando ao relento (por baixo das árvores) por insuficiência de infraestruturas e ainda sem carteiras, em suma, sem o mínimo de condições de trabalho que possam assegurar que o professor ensine em condições adequadas e que os alunos aprendam também adequadamente.

No que concerne ao rácio aluno-professor, Moçambique (2020) reconhece o desequilíbrio existente entre o número de escolas e a procura, ou seja, há maior procura e menor oferta na educação moçambicana. Casos há em que uma escola com capacidade de 4 mil alunos, estejam lá matriculados 11 mil, isto é, com mais 7 mil alunos acima da

sua capacidade. Como consequência, muitas turmas funcionam ao relento por falta de salas

Ademais, em 2012, o Ministério de Educação e do Desenvolvimento Humano – MINEDH do país havia fixado um rácio alunos-professor na proporção de (64-1), ou seja, cada professor deveria em média ter 64 alunos na sala, porém muitos professores trabalham com mais do que essa proporção, o que mostra o quanto desafiador é o trabalho docente no contexto em que estamos aqui abordando.

Portanto, este cenário não só é desafiador para o próprio professor, como também é para a formação de professores. Até porque de acordo com Mazula (2018), desde que Moçambique se tornou independente até aos dias atuais a sua história de formação de professores é marcada por uma multiplicidade de dilemas dos quais também todo setor de educação se encontra, desde a insuficiente e degradada rede escolar, a fraca qualidade de ensino, deficiente nível de formação do professor assim como as condições de trabalho docente, insuficiência recursos materiais e financeiros, a baixa qualificação do pessoal docente responsável na orientação do processo de formação, e ainda o fato de grande parte dos candidatos que entram na formação não terem vocação e tão pouco qualificados para uma formação como é a de professores que é de longe importante em qualquer que seja sociedade em questão.

Com efeito, o MINEDH reconhece através do plano estratégico de educação (2020-2029) haver grandes desafios em relação a gestão de professores, na medida em que continua havendo o registro de escolas com muitos professores e pouca carga horária, assim como outras escolas com poucos professores e carga horaria excessiva, a problemática do rácio alunos-professor no ensino primário, assim como a falta de professores de algumas disciplinas no ensino secundário (Moçambique, 2020). Percebe-se então que se trata de problemas educacionais cuja solução requer um conjunto de estratégias devidamente harmonizadas entre si em vários âmbitos, desde a contratação e colocação de professores, construção e ampliação de infraestruturas escolares, alocação de materiais didáticos e até mesmo a própria formação de professores.

Ademais, o trabalho docente é de extrema importância que não merece passar pelo cenário atual onde até a própria remuneração salarial é absurdamente desajustada com a realidade do custo de vida, o que faz com que a grande maioria de professores vivam endividados em mis de um banco, num quadro econômico onde as taxas de juro são totalmente proibitivas do desenvolvimento. Um cenário literalmente desmotivador para o trabalhador docente.

Refletindo sobre esta problemática, percebe-se que a atividade docente exige deste uma permanente tomada de posicionamento e o compromisso social, técnico-pedagógico e político, pois, trata-se de um processo com uma finalidade, por isso que é um ato que se conduz de maneira direta e intencional. Ademais, “a instrumentalização diz respeito concretamente ao ato de ensino, aos conteúdos devidamente selecionados, graduando a transmissão dos conteúdos de acordo com o nível de aprendizagem dos alunos” (Assumpção; Duarte, 2016, p. 220). Nesse sentido, a prática educativa toma uma configuração no sentido de proporcionar as condições adequadas para que realmente ocorra a devida transmissão do conteúdo aos alunos. Pelo que é necessário “[...] dosá-lo e sequenciá-lo de modo que a criança passe gradativamente do seu não domínio ao seu domínio” (Saviani, 2008, p. 18). E isso só é possível com um sistema de educação que valoriza o trabalho docente, investe na educação e adota uma linha de pensamento teórico-pedagógico coerente com a perspectiva social, para que a classe trabalhadora possa ter o acesso ao conhecimento elaborado, à cultura erudita e possa alcançar uma plena formação intelectual e humana. Com isso, concordamos com o pensamento de Saviani (2011, p. 13), segundo a qual:

[...] o objeto da educação diz respeito, de um lado, à identificação dos elementos culturais que precisam ser assimilados pelos indivíduos da espécie humana para que eles se tornem humanos e, de outro lado e concomitantemente, à descoberta das formas mais adequadas para atingir esse objetivo (Saviani, 2011, p. 13).

O outro aspecto que está merecendo nossa análise neste estudo e que ao nosso juízo coloca em causa o trabalho docente e o sucesso escolar tem a ver com a concepção teórico-pedagógica que assenta os processos formativos em Moçambique. Os currículos escolares mostram que há um abandono da formação dos modelos de educação clássicos e uma adoção de novos modelos, por meio de métodos participativos. Daí que se assume a pretensão de estabelecer uma estratégia de acompanhamento de professores recém-formados, nos seus primeiros três anos de exercício da sua profissão docente, objetivando “[...] assegurar que estes coloquem em prática os métodos participativos e que usem os princípios de uma aula centrada no aluno” (Moçambique, 2020, p. 13). Trata-se de uma mudança de paradigma que resulta da adoção e implementação de concepções do hegemônicas, as quais Duarte (2013), chama de pedagogias do “aprender a aprender”, cuja essência é tornar a prática educativa um processo voltado para a cotidianidade, a espontaneidade, que essencialmente valoriza as experiências individuais e atende as vontades do aluno. O que na perspectiva da pedagogia histórico-crítica e da psicologia histórico-cultural não garante o aprofundamento dos conhecimentos clássicos, indispensáveis para o desenvolvimento das funções psíquicas superiores.

Ora, a adoção destes novos modelos de educação não vem ao acaso, ocorre que o país é dependente financeiro, como nos referimos anteriormente. As políticas educacionais moçambicanas são construídas tendo em conta a influência dos organismos internacionais, tanto ao nível dos países do ocidente, quanto dos países da região. E trata-se de países e/ou organismos cuja visão economicista é muito presente e isso é sobejamente visível nos currículos e planos de educação em Moçambique. o Plano Estratégico da Educação (2020–2029), por exemplo, a visão de educação no país assenta-se em: proporcionar uma educação que permita que os cidadãos tenham competências para a sua inserção na sociedade e aprendizagem ao longo da vida, contribuindo para o *desenvolvimento econômico* e social do País. O mesmo pensamento é expressamente presente no Plano Curricular de Formação de Professores Primários e Educadores de Adultos (Moçambique, 2019). Veja que se trata de uma visão que se alinha com os Objetivos do Desenvolvimento do Milênio, o que resulta da internacionalização das políticas públicas de educação.

Ora, é preciso compreender que o desenvolvimento do capital humano que tanto se fala nos Objetivos do Desenvolvimento do Milénio, e todo um conjunto de teorias pedagógicas neles assentes, não é mais do que um conjunto de pretextos que visam fazer com que a educação seja e continue sendo um instrumento utilitarista, voltada simplesmente para a preparação mão-de-obra, por essa razão advogamos a ideia de defender uma educação que propicie a transmissão e apreensão de conhecimentos, educação que

[...] não vise apenas a formar indivíduos para a reprodução direta e imediata desta ordem social, que não os prepare apenas para servirem de mão-de-obra para o capital, mas que sejam trabalhadores e cidadãos. Capacitados para atender às novas exigências do processo produtivo, mas também conscientes dos seus direitos e dispostos a

participar ativa e criticamente da construção de uma sociedade mais justa, mais humana e mais igualitária (Tonet, 2016, p. 33).

Entendemos que na realidade mesmo o professor tenha tido no passado a melhor formação intelectual e humana, enquanto estiver trabalhando num contexto cuja perspectiva teórica é formação por competências, no paradigma reflexivo, com uma educação utilitarista, fica mergulhado num dilema que o dificulta de cumprir com o seu papel social. Não é uma questão de ser pessimista com a educação moçambicana, mas trata-se de assumir que o contexto de educação na atualidade é de maior complexidade para o trabalho docente que se mostra cada vez mais precário.

Considerações Finais

Refletimos aqui a complexidade do trabalho docente em Moçambique, na perspectiva de busca de contribuições para a formação de professores. Ficou explícita a realidade desafiadora em destaque neste estudo, o que a nosso juízo deixa o entendimento de que na educação escolar no contexto moçambicano ainda há muito que ser melhorado. A educação escolar moçambicana precisa de mudanças profundas e estruturais com vista a superar a situação atual e não continuar adiando os mesmos problemas que resultam da falta de investimentos, da definição de concepções desajustadas de uma educação utilitarista.

Numa realidade como esta aqui em alusão, onde o trabalho educativo é marcado pela flexibilização dos seus processos formativos, precariedade da educação por falta de investimentos, e por concepções pedagógicas hegemônicas vinculadas ao capitalismo contemporâneo cujo conhecimento escolar é esvaziado e secundarizado, o trabalho docente é descaracterizado, à ponto do próprio professor perdeu o seu poder de tomar certas decisões no exercício da sua função docente, não se pode esperar mais nada senão um fracasso, caso não haja mudanças profundas e estruturais.

Portanto, defendemos desta forma a importância de investir esforços teóricos e práticos na melhoria das condições do trabalho educativo escolar.

Referências

- ASSUMPÇÃO, M.C. e DUARTE, N. A função da arte e da educação escolar a partir de György Lukács e da Pedagogia Histórico-Crítica. **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, nº 68, p. 208-223, jun 2016 – ISSN: 1676-2584.
- DUARTE, N. **A Pedagogia Histórico-Crítica e a Individualidade Para-Si**. Germinal: Marxismo e Educação em Debate, Salvador, v. 5, n. 2, p. 59-72, dez. 2013.
- MARTINS, L. M. O que ensinar? O patrimônio cultural humano como conteúdo de ensino e a formação da concepção de mundo no aluno. In: J. C. Pasqualini, L. A. Teixeira & M. M. Agudo. **Pedagogia Histórico-Crítica: Legado e perspectivas**. Uberlândia, MG, 2018: Navegando Publicações, 83-98. Disponível em: <https://drive.google.com/drive/u/4/folders/1q2cVzXqfqOSX740hssuC6GHwd-3BOo83>. Acesso em: 13 abril 2023
- MATIAS, Félix; ROSSI, Rafael. Educação e a defesa do conhecimento no ensino escolar em Moçambique: uma análise histórico-crítica. **Revista criar educação - revista do programa de pós-graduação em educação UNESC**, v. 12, p. 168-187, 2023.

MAZULA, B. **A complexidade de ser professor em Moçambique.** 1^a ed. Plural Editores. Maputo, 2018.

MOÇAMBIQUE, Instituto Nacional de Estatística, CENSO 2017, **Recenseamento geral da População em Moçambique.** Maputo, 2017.

MOÇAMBIQUE. Ministério da Educação e Desenvolvimento Humano. **Plano Curricular do Curso de Formação de Professores primários e Educadores de Adultos.** 1. ed. Maputo, 2019. v. 1. p. 1-236.

MOÇAMBIQUE. Ministério da Educação e Desenvolvimento Humano. **Plano Curricular Estratégico da Educação (2020 - 2029).** 1. ed. Maputo, 2020. v. 1. p. 1-180.

ROSSI, R. Currículo e Formação de Professores: uma abordagem histórico-crítica. **Revista GESTO-DEBATE**, Campo Grande - MS, v. 22, n. 08, p. 146-160, jan/dez 2022.

SAVIANI, D. Marxismo, educação e pedagogia. In: SAVIANI, D. & DUARTE, N. **Pedagogia Histórico - Crítica e luta de classes na educação escolar.** Autores Associados, Campinas – SP, 2012.

SAVIANI, D. **Pedagogia Histórico-Crítica.** Autores Associados, Campinas, 2008.

SAVIANI, D. **Pedagogia Histórico-Crítica:** primeiras aproximações. Campinas, SP: Autores Associados, 2011.

TONET, I. **A educação numa encruzilhada.** In: TONET, I. Educação contra o Capital. 3^a ed. ampliada: São Paulo, 2016.